

A oposição entre razão e imaginação na filosofia de Gaston Bachelard

The opposition between reason and imagination in Gaston Bachelard's philosophy

David Velanes de ARAÚJO

Doutorado em Filosofia pela UFBA.

Professor Auxiliar da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Departamento de Educação.

E-mail: dvaraujo@uefs.br

Resumo:

Este artigo tem como objetivo apresentar o projeto de separação entre razão e imaginação formulado por Gaston Bachelard, com base nas principais obras em que ele expõe explicitamente esse empreendimento filosófico, a saber: *Le matérialisme rationnel* (1953), *La poétique de l'espace* (1957) e *La poétique de la rêverie* (1960). Para tanto, realizamos uma análise de suas argumentações acerca da distinção entre *materialismo racional* e *materialismo imaginário*, *consciência racional* e *consciência imaginante*, bem como *imagem* e *conceito*. Este trabalho não se propõe a defender a tese da complementaridade entre os domínios da razão e da imaginação, uma posição amplamente discutida por uma das vertentes dos estudos bachelardianos. Em vez disso, buscamos contribuir para o enriquecimento desse debate ao revisar os argumentos do filósofo e destacar uma perspectiva diferente sobre a questão.

Palavras-Chave: Razão, Imaginação, Poética, conceito.

Abstract:

This article aims to present the project of separation between reason and imagination formulated by Gaston Bachelard, based on the main works in which he explicitly addresses this philosophical endeavor, namely: *Le matérialisme rationnel* (1953), *La poétique de l'espace* (1957), and *La poétique de la rêverie* (1960). To this end, we analyze his arguments regarding the distinction between *rational materialism* and *imaginary materialism*, *rational consciousness* and *imagining consciousness*, as well as *image* and *concept*. This work does not aim to defend the thesis of complementarity between the domains of reason and imagination, a position widely discussed by one of the branches of Bachelardian studies. Instead, we seek to contribute to the enrichment of this debate by revisiting the philosopher's arguments and highlighting a different perspective on the issue.

Keywords: Reason, Imagination, Poetics, Concept.

INTRODUÇÃO

A filosofia de Gaston Bachelard nos deixou um valioso legado, contribuindo tanto para compreender a natureza das ciências contemporâneas quanto para entender a natureza da literatura e da

poesia. Nesse contexto, Bachelard estabeleceu *duas vertentes* de seu pensamento, associando, por um lado, a razão e, por outro lado, a imaginação. Essa divisão intrínseca à sua filosofia tem sido objeto de intensos debates ao longo da história dos estudos bachelardianos, dividindo interpretações. Em todo caso, uma coisa é certa: conforme escreve Wunenburger (2010, p. 11), “G. Bachelard considerou a totalidade do ser humano, tanto seu polo racional quanto seu polo imaginativo, e defendeu o igual respeito e florescimento de ambos na educação, na vida cotidiana e na cultura mais exigente”.

Neste artigo, buscamos um retorno aos argumentos do filósofo francês sobre seu projeto de *separação* entre a esfera da razão e da imaginação. Do nosso ponto de vista, essa tarefa não tem sido suficientemente elaborada pelos estudos bachelardianos, os quais têm apenas insistido e consolidado a ideia de uma complementaridade ou unidade entre essas duas dimensões do espírito humano. Essas teses podem ser ilustradas pelos trabalhos de Dagognet (1984), Barbosa & Bulcão (2004) e Wunenburger (2010). No entanto, uma análise mais profunda dos argumentos apresentados por Bachelard nesse projeto filosófico sugere questionamentos sobre essas interpretações, como aqueles apresentados por Libis (1997), ainda que elas permaneçam sendo uma possibilidade plausível de compreensão da complexa filosofia bachelardiana.

As introduções das obras *Le matérialisme rationnel* (1953), *La poétique de l'espace* (1957) e *La poétique de la rêverie* (1960), que tomaremos como objeto de análise neste trabalho, atestam esse empreendimento filosófico de Bachelard, evidenciando uma verdadeira mudança de método em seu pensamento. Já em sua obra de 1953, a última de sua fase epistemológica, a discussão centra-se na distinção entre o materialismo científico e racional e o materialismo imaginário. Em 1957, a ruptura torna-se ainda mais clara. Bachelard argumenta que a imagem poética possui uma especificidade que não pode ser abordada pelo pensamento discursivo, ressaltando a necessidade de uma nova perspectiva em relação ao seu trabalho filosófico anterior. Na última obra supramencionada, essa nova perspectiva se acentua na discussão sobre as peculiaridades dos conceitos e das imagens, revelando uma polaridade profunda entre ambos.

Nesse contexto, podemos perguntar: até que ponto razão e imaginação podem ser consideradas complementares na filosofia de Bachelard? A alegada complementaridade entre esses dois domínios, defendida por alguns estudiosos, não estaria em desacordo com o próprio projeto filosófico do autor? Seria possível alcançar uma harmonia entre a racionalidade científica e a criação poética, ou o conflito entre elas é, na verdade, essencial para o desenvolvimento do pensamento bachelardiano?

UM PROJETO FILOSÓFICO

Na introdução de *Le matérialisme rationnel*, de 1953, Bachelard (2014 [1953], p. 4) destaca a oposição entre *imaginação* e *razão*, evidenciando a importância de uma ruptura entre o *materialismo imaginário* e o *materialismo científico*. Esta obra tem como objetivo demonstrar o progresso da química em seu desenvolvimento histórico descontínuo, ou seja, caracterizado por inúmeras *rupturas epistemológicas*, que culminam na instauração de uma nova ciência química no século XX. Trata-se de uma “química matemática no mesmo estilo em que se fala de uma física matemática”, que se liberta dos valores subjetivos e das influências das imagens, inaugurando uma nova era do materialismo, que rompeu com o senso comum. Segundo Bachelard, o primeiro ato do materialismo racionalista é realizar “uma divisão clara e nítida entre a imaginação material, centrada no mistério da matéria, e o trabalho racional discursivo do inter-materialismo” (p. 28).

A respeito dessa divisão entre a imaginação material e o trabalho racional no âmbito da nova ciência química, Bachelard revela ter experimentado, ao longo de seus diversos anos de pesquisa filosófica, uma verdadeira separação entre esses dois domínios. Para ele, essa divisão deve gerar a consciência de uma *oposição radical* entre o materialismo imaginário, que é governado pela imaginação, e o materialismo científico, que é orientado pela razão. O filósofo francês explora essa separação em profundidade, estabelecendo-a em seus estudos como um *princípio metodológico* fundamental. Como ele mesmo afirma:

Para ser franco e compartilhar uma confiança pessoal, vivi, durante cerca de doze anos, todas as circunstâncias da divisão do materialismo entre imaginação e experiência. E essa divisão, visível nos fatos, pouco a pouco se impôs a mim como um princípio metodológico. Ela conduz, essa divisão, à conscientização de uma oposição radical entre um materialismo imaginário e o materialismo instruído. Em outras palavras, parece-me que há grande interesse em distinguir, em dois quadros, os elementos da convicção humana: a convicção pelos sonhos e imagens e a convicção pela razão e experiência. A matéria, de fato, nos traz convicções quase imediatas que nascem associadas a devaneios invencíveis, profundamente enraizados em nosso inconsciente. Somente ao custo de experiências minuciosas, bem estabelecidas em uma técnica inter-material, em uma técnica de transformação das propriedades da matéria, podemos abordar — em segundo plano — a fenomenologia do materialismo instruído. Em nosso livro *Le rationalisme appliqué*, dedicamos um capítulo inteiro à ruptura do conhecimento em experiência comum e experiência científica. A mesma ruptura, mais difícil de realizar, deve ser provocada dentro do materialismo para compreender como o materialismo discursivo e progressivo se distancia do materialismo ingênuo; em outras palavras, é necessário mostrar como o materialismo ordenado, partindo das seguranças do realismo, alcança as certezas do racionalismo (Bachelard, 2014 [1953], p. 18).

O materialismo científico e racional, que resulta na criação de novas substâncias dentro da atividade racional e técnica da química contemporânea, rejeita o uso de imagens da matéria geradas pela

imaginação. Por essa razão, Bachelard argumenta que é necessário estabelecer um princípio metodológico que diferencie as abordagens do materialismo científico e do materialismo imaginário. Isso significa que o conhecimento do novo espírito científico não pode utilizar imagens nas explicações que pretendem ser objetivas. Toda imagem deve ser exorcizada e, como elas persistem tanto na cultura científica quanto no onirismo humano, às vezes é necessário realizar uma *psicanálise do conhecimento objetivo* afim de que se alcance a objetividade do conhecimento.

Essa *psicanálise do conhecimento objetivo* tem como propósito separar as *imagens materiais* dos *discursos racionais* das ciências por meio da crítica intersubjetiva, tal como se expressa nas comunidades científicas. Essa separação é fundamental, dado que a vida humana segue duas vias distintas — a imaginação e a razão — que se entrelaçam profundamente no psiquismo humano. Esse entrelaçamento entre razão e imaginação, segundo Bachelard, não é visto como um fator positivo para o desenvolvimento tanto no contexto científico quanto no âmbito poético. Assim, sua proposta de separá-las busca atribuir a cada uma seus valores próprios, permitindo que cada esfera se desenvolva de acordo com sua natureza específica.¹

Bachelard (2014 [1953], p. 19) explica que as duas tendências do psiquismo humano levantam o problema de uma *dupla situação*. Esse problema está relacionado à necessidade de compreender melhor o *reino das imagens* e o *reino das ideias* em seus respectivos domínios. Segundo ele, nem os psicólogos nem os epistemólogos conseguiram abordar com êxito essa questão. Por isso, ele propõe um trabalho que torne essa análise da dupla situação o mais clara possível, ou seja, um trabalho que separe o onirismo do intelectualismo. Trata-se de uma separação completa entre a vida onírica e a vida racional, entre a vida diurna e a vida noturna, com o objetivo de realizar uma antropologia integral. Bachelard afirma que devemos aceitar a dupla vida do ser humano em sua própria realidade — uma realidade ambígua — valorizando separadamente cada esfera do psiquismo em suas atividades criativas. É o que ele escreve na citação seguinte:

Uma vez realizada a divisão entre imaginação e razão, pode-se ver mais claramente surgir no psiquismo humano o problema de uma dupla situação. De fato, trata-se de um problema de dupla situação quando se pretende abordar, por meio de exemplos numerosos e precisos, as relações entre o reino das imagens e o reino das ideias. Essa dupla situação, naturalmente, nunca é bem assumida, raramente equilibrada nas investigações de psicólogos e epistemólogos. O onirismo e o intelectualismo são, tanto no investigador quanto no investigado, polaridades sempre um pouco instáveis. Nós mesmos, dedicados a esse trabalho duplo, nunca conseguimos alcançar, sobre essa dupla situação, perspectivas de igual profundidade. Tudo depende do problema abordado, seja um problema de estética da linguagem ou de racionalização da experiência. Mas, mesmo quando claramente engajadas, as forças oníricas e as forças intelectualistas permanecem em conflito. Elas muitas vezes se afirmam mutuamente nesse próprio

¹ Para aprofundar a compreensão desse conceito bachelardiano, pode-se ver por exemplo Bachelard (1977 [1938], p. 236-237).

conflito. (...) será necessário, após observações sobre o racionalismo bruto ou falho, afastar-nos das determinações imaginárias. No entanto, apesar de nosso compromisso atual com a dupla situação de todo psiquismo, entre a tendência para a imagem e a tendência para a ideia, deve permanecer claro que, por mais profundamente engajados que estejamos nas vias do intelectualismo, nunca devemos perder de vista o fundo do psiquismo, onde germinam as imagens (Bachelard, 2014 [1953], p. 19).

Em suma, o materialismo científico tem suas bases no pensamento racional e experimental, sendo fundamentado em métodos objetivos. Nesse campo, as imagens subjetivas não têm lugar, pois se revelam obstáculos ao conhecimento, já que podem interferir na construção das ideias científicas ao sugerir pensamentos que não são inteiramente abstratos. Como Bachelard (1977 [1938]) explica em *La formation de l'esprit scientifique*, essas imagens contribuem para o empobrecimento do “vetor de abstração”. Assim, “o espírito científico deve lutar constantemente contra as imagens, contra as analogias, contra as metáforas” (Bachelard, 1977 [1938], p. 15). Por outro lado, o materialismo imaginário, livre das amarras do pensamento discursivo, opera com as forças criativas e poéticas da imaginação, permitindo a criação de mundos poéticos e a formação de imagens materiais na arte. Seu objetivo não é alcançar a objetividade, mas abordar as experiências subjetivas, guiadas pelas forças simbólicas e arquetípicas do inconsciente

O projeto de separação entre razão e imaginação ganha uma argumentação mais sistemática quatro anos depois, na introdução da obra *La poétique de l'espace*, na qual Bachelard destaca a oposição profunda entre *conceito* e *imagem*. Nesse trabalho, ele retoma o que já havia enfatizado em *Le matérialisme rationnel* — o projeto de valorizar cada tendência do psiquismo humano em seus domínios próprios. No entanto, agora seu foco está em valorizar a imagem poética em sua essência, introduzindo um novo método: a *fenomenologia da imaginação*. Bachelard (2020 [1957], p. 27-28) afirma que suas investigações filosóficas sobre a racionalidade científica não contribuem para a análise da imaginação poética e, na verdade, podem se revelar um obstáculo. Como ele escreve: “um filósofo que formou todo o seu pensamento com base nos temas fundamentais da filosofia das ciências (...) deve esquecer seu conhecimento e romper com todos os seus hábitos de pesquisa filosófica se deseja estudar os problemas colocados pela imaginação poética”. Logo em seguida, ele enfatiza as especificidades da imagem poética na perspectiva de distingui-la da reflexão sobre a razão científica.

Segundo Bachelard (2020 [1957], p. 27-28), a imagem poética não tem um passado. Por isso, a abordagem filosófica deve levar em conta o seu presente como um aspecto essencial. É necessário estar “presente à imagem no instante da imagem: se há uma filosofia da poesia, essa filosofia deve nascer e renascer com a oportunidade de um verso dominante (...) exatamente no êxtase da novidade da imagem”. Como manifestação do psiquismo, a imagem poética não se baseia em princípios preexistentes, como é o caso dos conceitos científicos. Bachelard, em sua epistemologia, aborda os conceitos científicos dentro de uma dinâmica histórica descontínua. Para ele, a razão científica possui uma historicidade que se

manifesta através de um processo de retificação contínua dos conceitos, que se complexificam ao romper com o passado. Como explica em *La philosophie du non*, de 1940, ao longo da história de uma noção científica, é possível identificar uma diversidade de bases metafísicas, que vão desde um empirismo ingênuo até um racionalismo complexo e dialético. Esse processo confere ao conceito um *perfil epistemológico* próprio.

Portanto, essa abordagem crítica e discursiva que pode ser aplicada aos conceitos de base do pensamento científico empobrece a filosofia da poesia, porque impede a “essencial atualidade” da criação poética. Enquanto a reflexão filosófica aplicada ao campo científico requer que uma nova ideia se integre a um conjunto de conceitos previamente estabelecidos, mesmo que isso exija uma retificação profunda, como ocorre nas rupturas epistemológicas, a filosofia da poesia deve reconhecer que o ato poético não possui um passado. Pelo menos, não um passado recente que permita rastrear seu o perfil epistemológico. O que importa é o foco na novidade e na experiência imediata da imagem poética, sem a influência das estruturas teóricas preestabelecidas.

A filosofia da poesia de Bachelard rompe, assim, metodologicamente com sua filosofia científica ao introduzir um método fenomenológico para abordar a imaginação poética. Como aponta Hieronimus (2020), a fenomenologia bachelardiana da imaginação se distancia não apenas do racionalismo científico, mas também da poética anterior, do método psicanalítico e da crítica literária clássica. Bachelard (2020 [1957], p. 29) afirma que esse método é um “estudo do fenômeno da imagem poética, quando a imagem emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem captado em sua atualidade”, afastando-se do método discursivo que predominava em suas obras epistemológicas.

A obra *La poétique de l'espace* revela essa característica fundamental que marca a mudança no pensamento de Bachelard, ao destacar que as imagens devem ser estudadas no momento exato de seu surgimento, no momento próprio de sua aparição. A reflexão, nesse contexto, é vista como um obstáculo ao estudo das imagens e, portanto, deve ser descartada pela fenomenologia da imaginação.

Ainda em nessa obra, o filósofo francês também sublinha sua mudança metodológica em relação às obras anteriores: *L'eau et les rêves. Essai sur l'imagination de la matière* (1942), *L'air et les songes. Essai sur l'imagination du mouvement* (1943), *La terre et les rêveries de la volonté* (1948), *La terre et les rêveries du repos* (1948), nas quais ele aborda as iamgens de forma objetiva. Em outras palavras, nessas obras, Bachelard evita qualquer abordagem subjetiva, uma vez que ele faz uso de um método orientado pela prudência científica. No entanto, ele reconheceu que tal método se mostrou inadequado para abordar a especificidade imagem poética. Conforme ele escreve:

Em nossos trabalhos anteriores sobre a imaginação, consideramos preferível nos posicionar, de forma tão objetiva quanto possível, diante das imagens dos quatro

elementos da matéria, dos quatro princípios das cosmogonias intuitivas. Fiéis aos nossos hábitos de filósofo das ciências, tentamos considerar as imagens fora de qualquer tentativa de interpretação pessoal. Aos poucos, esse método, que tem a seu favor a prudência científica, me pareceu insuficiente para fundamentar uma metafísica da imaginação. A atitude “prudente” por si só não seria uma recusa em obedecer à dinâmica imediata da imagem? Além disso, percebemos o quanto é difícil se desvencilhar dessa “prudência” (Bachelard, 2020 [1957], p. 29-30).

Na mesma página dessa citação, o filósofo francês também destaca as dificuldades de abandonar seus hábitos intelectuais na perspectiva de iniciar uma nova atividade em seu pensamento, ou seja, seu novo método. Como ele afirma: “dizer que se abandonam hábitos intelectuais é uma declaração fácil, mas como realizá-lo?”, preocupação que também aparece em sua obra subsequente, a saber, *La poétique de la rêverie*, de 1960. A fenomenologia da imaginação deve suspender toda visão objetivante, a qual se ocupa com a análise dos conceitos. Ela não pode ser aplicada ao estudo das imagens poéticas, pois estas são variacionais, enquanto os conceitos são constitutivos (Bachelard, 2020 [1957], p. 30). Embora os conceitos racionais apresentem um dinamismo, que Bontems (2010) considera complementar ao dinamismo da imagem poética na filosofia bachelardiana, o dinamismo da imagem poética possui características próprias que não podem ser adequadamente abordadas pela reflexão crítica. Assim, apenas o método fenomenológico pode abranger as variações das imagens (Bachelard, 2016 [1960], p. 3).

No entanto, como destacado em *La poétique de la rêverie*, esse método fenomenológico se distingue de outras abordagens fenomenológicas ao considerar a imagem em sua essência e novidade no psiquismo. Isso exige uma abordagem específica para compreender a variabilidade da imagem poética. A fenomenologia da imagem, portanto, requer a participação ativa da imaginação criadora, em vez de observar passivamente a criação da imagem na consciência, como seria o caso de algumas filosofias da modernidade. A imaginação é fundamental para a criação e interpretação da imagem poética, sugerindo uma perspectiva dinâmica nesse método fenomenológico. Bachelard afirma que uma “fenomenologia da passividade” seria um erro, pois a fenomenologia deve envolver a imaginação do sujeito de maneira ativa na experiência poética (Bachelard, 2016 [1960], p. 3;4).

A ruptura entre o domínio da racionalidade e o da imaginação surge como o eixo central da discussão bachelardiana sobre *conceito e imagem*, discussão que é aprofundada na obra supracitada. Nas primeiras linhas da introdução desse livro, Bachelard faz referência a *La poétique de l'espace*, evidenciando a continuidade em seu novo pensamento. Ele escreve que “em um livro recente que complementa obras anteriores dedicadas à imaginação poética, tentamos mostrar o interesse que a metodologia fenomenológica apresenta para tais investigações, o método fenomenológico” (Bachelard, 2016 [1960], p. 1). Na mesma página, Bachelard reforça sua crítica à ineficácia da *consciência racional* no domínio de sua

fenomenologia da imaginação, escrevendo que, “em particular, a “consciência de racionalidade” tem uma virtude de permanência que apresenta um problema difícil para o fenomenólogo”.

O filósofo francês contrasta a consciência racional com a consciência imaginante, que se referem respectivamente às duas esferas do psiquismo humano já mencionadas: “ao se abrir para uma imagem isolada, a consciência imaginante tem — pelo menos à primeira vista — menores responsabilidades”, que a consciência de racionalidade. Colocando em questão novamente seus hábitos filosóficos anteriores para a instauração de seu novo método, ele apresenta sua escolha pela fenomenologia da imaginação nos estudos das imagens poéticas como um ato de ruptura com seu pensamento anterior. Em suas palavras:

Um filósofo permanece, como se diz hoje, “em situação filosófica”; às vezes, ele tem a pretensão de começar tudo do zero, mas, infelizmente, ele continua... Ele leu tantos livros de filosofia. Sob o pretexto de estudá-los, de ensiná-los, ele distorceu tantos “sistemas”! Quando chega à noite, quando ele não está mais ensinando, acredita ter o direito de se fechar no sistema de sua escolha. E foi assim que escolhi a fenomenologia, na esperança de reexaminar com um olhar renovado as imagens fielmente amadas (Bachelard, 2016 [1960], p. 2).

Bachelard (2016 [1960], p. 13) retoma a distinção entre *espírito* e *alma* já elaborada em *La poétique de l'espace*². Ao espírito, cabe a atividade intelectual, à alma, a atividade imaginativa, relacionadas às ideias e às imagens. Ele ainda explica que “ao espírito resta a tarefa de criar sistemas, de organizar experiências diversas para tentar compreender o universo. Ao espírito convém a paciência de se instruir ao longo do passado do saber”. Ele continua explicando que “o passado da alma está tão distante! A alma não vive ao longo do tempo. Ela encontra repouso nos universos que a imaginação sonha”.

Na mesma página, Bachelard conclui sobre a necessidade de organizar dois vocabulários: um para o conhecimento e outro para a poesia, a fim de melhor estudar essas duas esferas. No entanto, ele destaca que “esses vocabulários não se correspondem. Seria inútil elaborar dicionários para traduzir uma linguagem na outra. E a língua dos poetas deve ser aprendida diretamente, de maneira muito precisa, como a linguagem das almas”. Trata-se de duas linguagens que não são intercambiáveis, e a tentativa de traduzir uma na outra é infrutífera. A linguagem poética deve ser apreendida de modo particular, como se fosse uma “linguagem das almas”, sugerindo uma abertura para o imaginário que não se submete às mesmas regras do discurso racional da epistemologia

Podemos afirmar que esses dois vocabulários correspondem à divisão fundamental elaborada pelo filósofo em suas obras. A “linguagem do espírito” é aplicada ao estudo das ideias científicas em suas obras epistemológicas, enquanto a “linguagem da alma” se dedica ao estudo das imagens poéticas em

² Cf. p. 31-32.

suas obras poéticas. Segundo Bachelard (2016 [1960], p. 14), “o essencial é que uma imagem toque de maneira precisa. Podemos então esperar que ela encontre o caminho da alma, sem se enredar nas objeções do espírito crítico, sem ser interrompida pela pesada mecânica dos recalques”.

A propósito desse divórcio entre *devaneio* e *reflexão*, Bachelard destaca em sua última obra, *La flamme d'une chandelle*, de 1961, que “neste pequeno livro de simples devaneio, sem o peso de qualquer conhecimento, sem nos aprisionar na unidade de um método de investigação, gostaríamos, em uma série de curtos capítulos, de dizer qual renovação do devaneio recebe um sonhador na contemplação de uma chama solitária” (BACHELARD, 2015 [1961], p. 1). Essas duas passagens destacam a postura do filósofo francês em sua fase final de pensamento, onde ele se distancia dos hábitos do pensamento racional e crítico, voltando-se para a exploração da pura experiência poética e imaginativa. Ele apresenta o devaneio poético como um modo de renovação, que não se submete à lógica ou ao conhecimento sistemático, uma vez que é vivenciado nos atos da imaginação criadora. Assim, Bachelard destaca o divórcio entre razão e imaginação no âmago de sua atividade filosófica. Como ele afirma:

um filósofo sonhador, um filósofo que cessa de refletir quando imagina e que, assim, decretou para si mesmo o divórcio entre o intelecto e a imaginação, tal filósofo, quando sonha com a linguagem, quando as palavras emergem para ele do próprio fundo dos sonhos, como não seria sensível à rivalidade entre o masculino e o feminino que ele descobre na origem da palavra? (Bachelard, 2016 [1960], p. 45).

Ainda em *La poétique de la rêverie*, o filósofo francês apresenta conclusões importantes acerca da separação entre *imagem* e *conceito*, afirmando que sua trajetória é marcada por diversos livros que deveriam ser colocados sob dois signos contraditórios: o dos conceitos e o das imagens. Segundo Bachelard (2016 [1960], p. 45), nessa contradição, não há filiação. “Entre o conceito e a imagem, não há síntese. Também não há filiação; sobretudo, não aquela filiação frequentemente mencionada, mas nunca vivida”. Ele acrescenta que, “quem dedica todo seu espírito ao conceito e toda sua alma à imagem sabe bem que conceitos e imagens se desenvolvem em linhas divergentes da vida espiritual”. No âmbito dessa ambiguidade, talvez seja mais proveitoso “estimular uma rivalidade entre a atividade conceitual e a atividade de imaginação”. Ao tentar promover a cooperação entre esses dois elementos, apenas se enfrenta um impasse. “A imagem não pode fornecer matéria ao conceito. O conceito, ao dar estabilidade à imagem, sufocaria sua vitalidade”. Seu projeto filosófico não visa relacionar imagem e conceito, mas destacar a profunda polaridade entre ambos, com o objetivo de promover uma valorização de suas respectivas esferas. Segundo Bachelard,

imagens e conceitos se formam nesses dois polos opostos da atividade psíquica, que são a imaginação e a razão. Entre eles há uma polaridade de exclusão. Nada em comum com os polos do magnetismo. Aqui, os polos opostos não se atraem; eles se repelem. É preciso amar as potências psíquicas de dois amores diferentes se se ama tanto conceitos

quanto imagens, os polos masculino e feminino da Psique (Bachelard, 2016 [1960], p. 46-47).

Imagens e conceitos possuem dinâmicas distintas e fundamentalmente incompatíveis. Amar tanto os conceitos quanto as imagens significa reconhecer e valorizar suas naturezas contrastantes, simbolizadas pelos polos masculino e feminino da psique humana. Esses polos desempenham papéis únicos e não são redutíveis um ao outro. Bachelard nos convida a aceitar a dualidade inerente à psique humana, não como algo a ser reconciliado ou sintetizado, mas como uma condição a ser compreendida e cultivada. Em vez de buscar uma união entre razão, que dá forma aos conceitos, e imaginação, que dá forma às imagens, ele sugere que devemos aprender a nutrir ambas as esferas, reconhecendo a separação entre elas como uma parte essencial da experiência humana.

CONCLUSÃO

Com base nas argumentações de Bachelard que buscamos apresentar na seção acima, como seria possível conceber uma complementaridade entre as duas vertentes de sua filosofia? Isso não implicaria em contrariar as ideias do próprio filósofo, dando origem a uma nova filosofia? Essas questões são complexas e longe de serem evidentes.

A argumentação de Bachelard é claramente delineada nas três grandes introduções de suas obras aqui tomadas como fio condutor. Separação, divisão e oposição entre o domínio da imaginação e o domínio da racionalidade são termos que correspondem ao seu projeto filosófico. Nesse sentido, não se pode atribuir qualquer equívoco ao filósofo, que expressou ter reconhecido sua dupla consciência: “duas boas consciências, sendo uma a do pleno dia e a outra a que aceita o lado noturno da alma” (Bachelard, 2016 [1960], p. 47). Uma dupla natureza que revela o aspecto de seu conceito de racionalismo construtor e da noção de imaginação criadora. No entanto, não estaria implícito, nessa dupla consciência, o aspecto de complementaridade tão ressaltado por uma parte dos estudos bachelardianos?

É preciso destacar que o “homem das vinte e quatro horas”³ de Bachelard é um ser dividido, portador de uma dupla consciência. Trata-se de uma dualidade que o próprio filósofo francês reconheceu em si mesmo, ainda que tardiamente, e que passou a caracterizar seu pensamento. Do nosso ponto de

³ Em *L'engagement rationaliste*, Bachelard escreve: “se eu tivesse que elaborar o plano geral das reflexões de um filósofo no outono de sua vida, diria que agora tenho a nostalgia de uma certa antropologia. E se fosse necessário ser completo, parece-me que gostaria de discutir um tema que não é o de hoje, um tema que eu chamaria de “o homem das vinte e quatro horas”. Parece-me, portanto, que se quisermos fornecer à antropologia como um todo suas bases filosóficas ou metafísicas, seria necessário e suficiente descrever um homem em vinte e quatro horas de sua vida (Bachelard, 1972 [1972], p. 47).

vista, essa divisão não atesta de modo algum uma *unidade* no pensamento bachelardiano. Esta tese da unidade foi defendida por Dagognet em seu artigo *Le problème de l'unité*, de 1984. Neste trabalho, o autor demonstra que existem elementos que atravessam não apenas os argumentos de Bachelard, mas também a própria atividade intelectual do filósofo. “A leitura, o livro, a escrita, a mesa e até mesmo a caneta-tinteiro: esse é o ambiente de Bachelard, seu laboratório sensível, de ponta a ponta, seja ele epistemólogo ou crítico literário, físico, experimentador ou escritor” (Dagognet, 1984, p. 249). Ele apresenta também a dialética como elemento unificador, uma vez que ela participaria dos dois momentos da filosofia bachelardiana. Além disso, Dagognet destaca os aspectos do vocabulário de Bachelard presentes tanto nos textos de epistemologia quanto nos textos poéticos, que seriam uma prova de uma real ligação de união.

Bontems (2010) apresenta uma perspectiva diferente daquela apresentada por Dagognet, embora ele busque igualmente a união entre as duas vertentes do pensamento bachelardiano. Ele defende que é a concepção dinâmica do espírito que une essas duas vertentes, cuja base de ligação é o conceito de *indução*. Ele escreve que essa indução não busca

generalizar observações, mas de inferir uma força a partir do movimento de um conceito ou de uma imagem, e de medir os efeitos que isso provoca em nosso espírito. Essa indução é concebida por analogia com a indução eletromagnética: o movimento de um ímã através de uma bobina induz uma corrente elétrica; a corrente circulando em uma bobina elétrica induz um campo magnético ao seu redor. A formulação analógica da indução é adequada tanto para a imaginação quanto para o trabalho da razão. Ela combina o que inicialmente havia sido oposto: se o espírito científico encontra em certas abstrações a oportunidade de imaginar a realidade física de maneira diferente, seguindo as metáforas de um poeta, o espírito imaginativo descobre uma solidariedade cristalina, uma coerência insuspeita entre as imagens (Bontems, 2010, p.23-24).

O conceito de indução é ilustrado por meio de uma analogia com a indução eletromagnética, na qual o movimento de um ímã gera uma corrente elétrica e, por sua vez, essa corrente cria um campo magnético. Essa analogia serve para explicar a interação entre conceitos e imagens, que, ao serem ativados, geram forças e efeitos no espírito humano. Segundo o autor, essa analogia é eficaz para compreender a relação entre razão e imaginação no pensamento de Bachelard, as quais não são esferas opostas e mutuamente exclusivas, mas sim partes de um processo dinâmico de indução mútua. Em vez de buscar uma complementaridade superficial entre as duas esferas, o autor destaca como a razão e a imaginação interagem e influenciam uma à outra. No “campo magnético” criado por essa relação, entre a imaginação poética e a razão científica, revela-se a interconexão e o fortalecimento mútuo entre conceitos e imagens. O autor conclui assim que “o pensamento de Bachelard não opõe de nenhum modo cultura científica e cultura literária, ele as combina sem as confundir: ele conjuga as dinâmicas do espírito” (Bontems, 2010, p. 24).

Defendendo a ideia de complementaridade, Barbosa e Bulcão (2004) reconhecem a existência de uma ruptura que estabelece duas vertentes “aparentemente antagônicas” na filosofia bachelardiana. No entanto, elas destacam que, no pensamento de Bachelard, a atividade criativa e dinâmica se manifesta tanto na razão quanto na imaginação, mesmo que ambas sejam opostas. Considerando razão e imaginação como dois aspectos constitutivos do sujeito, as autoras abordam a formação do sujeito no pensamento de Bachelard a partir dessas duas vertentes de suas ideias. Assim, elas apresentam os eixos da epistemologia e da poética como complementares que, “apesar de opostos, são complementares, não comprometendo a unidade da obra, pois ambos, especificamente ontogênicos, contribuem para o desenvolvimento do espírito humano” (Barbosa e Bulcão, 2004, p. 49).

No entanto, a complementaridade não conduz realmente à unidade. Supor isso implicaria na eliminação do conflito entre os opostos, isto é, entre o domínio da razão e o domínio da imaginação, delineado por Bachelard em suas obras. Pelo contrário, é justamente na tensão entre esses opostos que se impulsiona tanto o desenvolvimento do saber racional quanto da criação poética. Tensão que deve ser aprendida pelo *homem das vinte e quatro horas* em sua dupla consciência. Pensamos que a defesa da tese da complementaridade entre as vertentes racional e imaginativa no pensamento de Bachelard, uma hipótese inteiramente plausível, parece minimizar a importância do conflito e da divisão que o filósofo ele mesmo identificou como fundamentais para o desenvolvimento tanto do conhecimento científico quanto da criação poética. Ao instaurar a coexistência quase pacífica e harmoniosa entre razão e imaginação, corre-se o risco de diminuir o rigor crítico que Bachelard aplicou a ambos os domínios. O sujeito com sua dupla consciência, não deve ser visto como um símbolo de unidade, mas como um ser de conflito, produtivo e necessário para o desenvolvimento de ambas as esferas.

Libis (1997) põe em questão as tentativas de reconciliar a vertente da epistemologia científica e a da imaginação poética como complementares ou unificadoras. A tensão entre ambas gera um estado de conflito ou, pelo menos, de independência mútua entre elas. Segundo ele, “os dois lados da obra bachelardiana permanecem desarticulados, apesar dos locais de suas interferências e apesar dos esforços plausíveis dos exegetas para aproximar as duas bordas” (p. 48-49). O autor destaca que essas tentativas se revelam às vezes ilusórias, na medida em que não conseguem abordar a complexidade e a profundidade inerente das obras de Bachelard, levando a considerar que seu pensamento talvez deve ser compreendido em sua fragmentação mesma, bem como em seus paradoxos, ao invés de ser forçado em um quadro conceitual unificador. Como ele afirma: “seria ilusório supor que se possa superá-la por qualquer tipo de dialética, ou que se possa justificá-la por uma espécie de dedução transcendental” (p. 58). Libis conclui que “compreende-se melhor o duplo caminho do filósofo, inclusive em sua dimensão aporética, se o referirmos a essa deficiência secreta que assombra uma parte de sua obra” (p. 67-68).

Essa dimensão aporética do pensamento bachelardiano refere-se a questões e contradições inerentes que não possuem solução definitiva, não se tratando de meras lacunas, mas de elementos fundamentais na filosofia de Bachelard. Essa compreensão nos leva a perceber que o aspecto “deficiente”, como mencionado por Libis (1997), pode ser visto como uma característica intrínseca da obra bachelardiana. Isso implica que a incapacidade de alcançar uma unidade ou complementaridade entre razão e imaginação, em vez de ser um problema a ser resolvido, pode ser uma expressão da própria complexidade da condição humana, ou da concepção antropológica do ser humano implícita no pensamento do filósofo francês, e que talvez tenha sido satisfatoriamente pouco explorada.

REFERÊNCIAS:

- BACHELARD, Gaston. *La flame d'une chandelle*, Paris, P.U.F., 2015.
- BACHELARD, Gaston. *La formation de l'esprit scientifique*, Paris, J. Vrin, 1977.
- BACHELARD, Gaston. *La philosophie du non*. Paris, .P.U.F., 1983.
- BACHELARD, Gaston. *La poétique de l'espace*. Paris, P.U.F., 2020.
- BACHELARD, Gaston. *La poétique de la rêverie*. Paris, P.U.F., 2016.
- BACHELARD, Gaston. *Le matérialisme rationnel*. Paris, P.U.F., 2018.
- BACHELARD, Gaston., *L'engagement rationaliste*. Paris, P.U.F., 1972.
- BARBOSA, Elyana & BULCÃO, Marly, *Bachelard: pedagogia da razão, pedagogia da imaginação*. Petrópolis, Vozes, 2004.
- BONTEMS, Vincent. *Bachelard*. Paris, Les Belles Lettres, 2010.
- DAGOGNET, François. "Le problème de l'unité". *Revue Internationale de Philosophie*, n° 150, 1984, p. 245-256. Disponível em : <https://www.jstor.org/stable/23945395>
- HIERONIMUS, Gilles. "Table analytique". In: BACHELARD, Gaston. *La poétique de l'espace*. Paris, P.U.F., 2020.
- LIBIS, Jean. "Janus et la mélancolie". In: LIBIS, Jean; NOUVEL, Pascal. *Gaston Bachelard, un rationalisme romantique*, Dijon, EUD, 1997.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. "O pensamento renano de Gaston Bachelard: conflito ou aliança da razão e da imaginação?" *Cronos*, n. 1/2, 2003, p. 15-22. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3263>



ARAÚJO, David Velanes de. A oposição entre razão e imaginação na filosofia de Gaston Bachelard. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.21, n.3, 2024, eK24072, p. 01-13.

Recebido: 08/2024

Aprovado: 09/2024